



VOCÊ ESTÁ TÃO MAGRA, NILA!

POR SUZANA MONTORO*

Foi questão de segundos. Charles fechou a porta da frente, deu as duas voltas de sempre em cada uma das fechaduras, subiu os três lances de escada para chegar na calçada e subitamente estancou, apalpando os bolsos da calça. A carteira tinha ficado na jaqueta, dentro de casa. Conferiu as horas no relógio de pulso, já estava atrasado para o jantar. Saiu caminhando apressadamente, debaixo da garoa que caía desde as primeiras horas do dia. Vinte minutos depois Nila abria-lhe a porta sorrindo; correspondendo ao sorriso, ele constatou que era o primeiro a chegar. Deixou as chaves de casa no console da entrada e novamente apalpou os bolsos da calça, conferindo a ausência da carteira.

Charles e Nila falaram sobre a chuva e o mau tempo, Nila perguntou-lhe se ele arranjava um emprego, se tinha conseguido pagar os alugueis atrasados, ainda não, disse Charles, e se ele tinha conseguido vender algum quadro, também não, e ficaram olhando um para o outro, Charles coçando a nuca enquanto Nila acendia um cigarro, até que a campainha tocou.

Como você está magra, Nila!, foi o comentário de Janete ao entrar, seguida por Cláudio e Ralph, que traziam flores, bombons e o curry indiano, o melhor tempero do mundo! – segundo Ralph.

Enquanto Cláudio preparava as bebidas, o telefone tocou pela primeira vez. Da cozinha, Nila pediu que o atendessem, e quando Charles o fez, a ligação já havia caído. Trinta segundos depois, nova chamada, Charles foi rápido e ao atender, ouviu alguém rindo na linha. Desligou, mas cerca de dois minutos depois, o telefone soava de novo. Nila foi atender e tudo o que ouviu foi uma gargalhada comprida do outro lado. Deu ela própria a sua gargalhada e desligou. Instantes depois o telefone tocava de novo e desta vez Nila tirou-o do gancho com irritação.

Sim, ela está realmente magra, disse Charles, enquanto ia tirando os pratos sujos da mesa e Janete trazia a bandeja de frutas da cozinha. Depois de terminada a sexta garrafa de vinho, Nila trouxe o café e o licor, mas Charles já não aguentava beber uma gota mais do que fosse. Nem de água. Levantou-se de repente dizendo tchau pessoal! E num instante, como se tivesse pulado da sacada, já estava na rua, o ar fresco da madrugada esfriando-lhe o rosto.

Decidiu caminhar um pouco para aliviar a borracheira. Parou em frente a um muro onde estava pichado “rabo de saia é sempre precipício pros homens”, e rindo, lembrou-se da história da gargalhada ao telefone. Nila parecia nervosa, pensou, talvez se eu ligasse pra ela, mas ouviu apenas o sinal de ocupado, o fone ainda fora do gancho. Continuou caminhando a esmo até deparar-se com a entrada da sua casa. Só então percebeu que havia largado as chaves na porta no console da casa de Nila. Consultou o

relógio, cinco horas da manhã, achou muito tarde para voltar à casa de Nila. Sem chaves, sem dinheiro nem documentos, só lhe restava seguir caminhando até o amanhecer.

Do banco de concreto onde estava sentado, num ponto de ônibus coberto, Charles olhou a chuva, olhou o jornaleiro enfiado na banca, viu a padaria às moscas e os três botecos do quarteirão com apenas meia porta aberta. Charles espreguiçou-se e entrou no bar para tomar um café, mas ao coçar a bunda gelada sentiu a falta da carteira e de novo lembrou das chaves no console da casa de Nila, da magra Nila. O grande relógio pregado na parede do bar marcava oito e vinte, e o telefone de Nila continuava ocupado. Charles resolveu ir até a casa dela, paciência, vou chegar todo molhado, mas Nila não vai se importar, hoje é feriado e ela adora companhia no café da manhã. Tomara que ela esteja de bom humor, disse para si mesmo ao entrar no prédio de Nila.

A dona Nila saiu com a amiga dela, a dona Janete, informou o porteiro, e pelo jeito viajaram....Ela me pediu para guardar os jornais, arrematou numa voz desafinada e rouca.

Merda!, disse Charles. Será que eu posso usar o telefone, é coisa rápida, uma emergência. Apertando-se entre a porta e o ombro do zelador, ouviu a voz de Ralph na secretária eletrônica anunciando a impossibilidade de atenderem. Charles disse outro merda, agradeceu e foi embora.

Desceu a ladeira da rua de Nila, dobrou à direita no sinal, atravessou o cruzamento excepcionalmente deserto naquele dia, e duas quadras adiante já estava na grande avenida da cidade, a mesma que nos últimos meses percorria diariamente em busca de emprego. Nesta manhã de feriado era um dos poucos que se aventuravam à rua, sobretudo agora em que a chuva engrossara. Charles abrigou-se sob o toldo de uma padaria e com o olhar absorto nos pingos d'água deixou-se ficar, até que um tilintar a seus pés chamou-lhe a atenção. Três moedas estavam ao lado dos seus sapatos encharcados. Ainda pôde ver as duas senhoras se afastando, as cabeças protegidas por um guarda-chuva desbotado. Ao pedir o café com leite viu-se no espelho do balcão: cara amassada, barba por fazer, profundas olheiras escuras e as roupas molhadas, grudadas ao corpo. Reforçou o pingado com uma dose de conhaque e soltou uma gargalhada ao terminar o copo, quase a mesma gargalhada que ouvira no telefone da casa de Nila. Pagou o segundo copo de conhaque contando para o homem gordo do bar que estava sem as chaves de casa, sem carteira nem emprego, e por isso mesmo se divertia, e voltou para a avenida já sem chuva, apenas o asfalto molhado por onde passava um grupo em bicicletas coloridas e tão leves.

No caminho para a casa de Cláudio e Ralph, Charles cruzou mais uma vez com as bicicletas antes de entrar no pátio de uma igreja, onde uma fila de pedintes recebia sopa e sanduíche, além de umas gotinhas de água que o padre respingava na cabeça de cada um, acompanhadas de palavras incompreensíveis, ditas em voz baixa. Charles comeu seu sanduíche apoiado em um dos pilares da entrada da igreja e quando descia os degraus em direção à rua, ouviu a mulher que passava ao seu lado convidando-o para uma soneca no parque, uma mulher risonha e de aparência jovem, vestindo calça comprida e camiseta limpas, a roupa justa agarrada ao corpo marcando uma silhueta magra, você se parece com a Nila, disse Charles, apressando o passo para acompanhá-la dentro do parque,



onde ela lhe apontou um banco vazio e desapareceu por detrás das árvores, voltando instantes depois com uma caixa de papelão aberta que estendeu no banco e em seguida desapareceu outra vez. Para que eu preciso de casa?, Charles perguntou-se antes de fechar os olhos e cair num sono profundo sobre a cama improvisada no parque.

Só despertou muito tempo depois, de cara para um céu carregado de nuvens, um dia prestes a terminar. Olhou para o pulso para saber das horas, não havia mais relógio. Ouviu então a gargalhada bem perto da sua orelha esquerda, e lá estava ela, a mulher magra de antes, ainda sorridente. Você não ia precisar do relógio, ela disse, passando-lhe uma garrafa de conhaque e uma coxinha fria embrulhada num papel engordurado. Precisa mesmo é de um trago, ela riu de novo e dessa vez tapou a boca com as mãos cobertas por luvas, um par de luvas marrom com plumas junto ao pulso. Charles também sorriu, meu nome é Charles, me chamam de Magrela mas eu nem me acho tão magra, você me lembra a Nila, ele disse de novo, se bem que ela está mais magra do que você, vai ver ela está doente, pode ser, ela nunca foi assim tão magra, a gente nunca sabe porque alguém emagrece, não é mesmo?, é, ele concordou, pode ser de nervoso, de doença, ou até de tristeza, ela concluiu, eu quando fico muito triste não quero saber de comida, parece que me alimento de desgosto, e iam andando e conversando enquanto a garrafa de conhaque passava de mão em mão, de mão sem relógio para mão de luvinha marrom, eu também tenho uma luva, ele disse, só que está em casa, e ela perguntou se ele tinha casa, ele respondeu que era alugada e continuaram caminhando pela avenida, os faróis dos carros se refletindo sobre o asfalto escuro.

Charles pensava em ir à casa de Ralph e Cláudio pedir dinheiro emprestado e talvez passar a noite lá, mas o caminho que percorria com a Magrela o distanciava cada vez mais dos seus planos. Passaram ao lado da rodoviária, subiram em direção à Praça do Relógio, sentaram-se nas escadas da Biblioteca Central para tomar outra garrafa de conhaque, cruzaram o rio, andaram por uma rua estreita em que Charles nunca havia estado antes, entraram num posto de gasolina para beber água e fazer xixi, foram a um albergue público tomar banho, mulheres de um lado, homens de outro, dormiram em baixo de um viaduto nos limites da cidade, descruzaram o rio, voltaram à fila da sopa, voltaram ao parque do primeiro dia, deitaram mais uma porção de vezes no mesmo banco, e a cidade para Charles se transformou num imenso mar de ruas, bancos de praça e semáforos por onde ele navegava movido a conhaque, esmolas e sopas, além de uma infinidade de telefones públicos dos quais ele e Magrela telefonavam, ora para Nila, ora para Cláudio e Ralph, ora para Janete, e tudo o que faziam era dar uma sonora gargalhada assim que o telefone era atendido, e agora, cada rua que cruzavam era como se fosse estranha para Charles, até que passaram em frente à sua casa e ele olhou-a com uma vaga sensação de familiaridade, mas ao passarem em frente à casa de Nila ele parou, pediu lápis e papel onde escreveu “Você está tão magra, Nila”, entregou o bilhete ao zelador, deu meia volta e foi ao encontro da Magrela que pedia esmola no farol, os trocados para o trago de cada dia, como ela dizia com o seu sorriso costumeiro, a única referência para Charles e o quanto lhe bastava, além do par de luvas marrom que a Magrela colocava todas as noites, com aquelas pluminhas fazendo cócegas no rosto já barbudo de Charles, enquanto eles se acomodavam para dormir, onde quer que fosse.

* Suzana Montoro é psicóloga e escritora paulista. Publicou, entre outros, *O Menino das Chuvas* (SP, Edição Studio Nobel, 1994).